

Quando fugir (não) é a salvação: a fuga na (des)construção de lugares de esperança

When escaping is (not) the redemption: the escape in the (de)construction of places of hope

Liliane S. dos Anjos

lilianesouzaanjos@gmail.com

Rogério Modesto

Unicamp, Universidade Estadual de Campinas
roger.luid@gmail.com

Palavras-chave: Análise de discurso, utopia, fuga, cidade, sociedade, salvação.
Keywords: Discourse analysis, utopia, escape, city, society, salvation.

A relação entre utopia e cidade não é incomum. Aliás, foi a partir dessa convergência que a presente reflexão tornou-se possível, oportunizando o liame entre determinados aspectos da Análise de Discurso materialista, a qual nos filiamos, e os estudos sobre utopia. Os trabalhos de Fishman (1982), Hall (1988), Harvey (2009), sobretudo esse último, lembram que há muito a compreensão do planejamento urbano é perpassada por modalidades utópicas de pensamento. Desde 1516, com Thomas More, os ideais utópicos estão unidos a concepções de cidade, cidadão, ou de formas de governo de modo geral. Soma-se a isso a tradição judaico-cristã com definições de paraíso, de lugares aprazíveis que serviriam de recompensa para aqueles que enfrentam as tribulações desse mundo. Conforme aponta Harvey, disso resultou toda a sorte de metáforas que afetam o cotidiano da vida urbana:

A cidade celestial, a cidade de Deus, a cidade eterna, a cidade flamejante na colina [...]. Se o céu é um “lugar feliz”, o “outro” lugar, o inferno, o lugar do “outro malévolo” não pode estar muito longe. A figura da cidade como fulcro da desordem social, o colapso moral e do mal irredimido – da Babilônia e de Sodoma e Gomorra a Gotham City – também tem seu lugar no conjunto de sentidos metafóricos que a palavra “cidade” presentifica em nosso universo cultural. (Harvey, 2009, p. 207)

Em *Cidade dos sentidos*, Eni Orlandi nos diz: “a cidade é uma realidade que se impõe com toda sua força. Nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade” (Orlandi, 2004, p. 11). Esta é uma formulação importante que nos possibilita compreender que sujeito e sentido se constituem mutuamente e que, por sua vez, esse sujeito está atado ao corpo da cidade (cf. Orlandi, 2004), então, a constituição e circulação dos sentidos se imbricam ao espaço da cidade pelo elo que se configura no próprio sujeito. Cria-se, assim, uma ligação estabelecida entre sujeito-cidade-sentido, interessante para a Análise de Discurso, visto que, por ela, inaugura-se um esforço de compreensão da relação que se estabelece entre um saber urbano e a linguagem.

Tal imbricação nos faz atentar para determinadas formações imaginárias pelas quais nós brasileiros pensamos nosso território. Se por um lado, a origem grega do nome *utopia* aponta para a definição de “lugar inexistente”, por outro lado, como salienta Jerzi Szacki (1972), utopia é também uma das formas de caracterizar certas sociedades reais que parecem idealizadas, a despeito de relatos empíricos. São utopias que negam o lugar de origem do homem e fazem-no escolher entre duas versões do mundo real, um tipo imaginário que passa de um caráter meramente contemplativo para uma verdadeira injunção à ação. Ao longo dos séculos, o Brasil conviveu com diferentes versões idealizadas de lugares dentro de seu próprio espaço: a proposta de uma nova terra em Canudos (em 1896); os processos de urbanização e migração para São Paulo (por volta de 1950); a construção de Brasília como nova sede do Governo Federal (no ano de 1960), etc. Um tipo heroico de utopia que é capaz de delimitar um âmbito específico para onde determinadas pessoas devem ir, e de onde outras devem sair (fugir).

Recentemente, as favelas do Rio de Janeiro tornaram-se parte desse tipo de imaginário. A partir do projeto de Pacificação, um programa de Segurança Pública do Governo que objetiva “recuperar, por meio das bases de policiamento militar situadas nas favelas, o controle desses territórios para o Estado” (Leite, 2012, p. 382), as comunidades foram alvo de investidas policiais de grandes proporções alterando as práticas cotidianas da favela.

Pelo dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso, doravante AD, desenvolvida pelo filósofo Michel Pêcheux e a partir dos desdobramentos dessa teoria no Brasil, podemos questionar tais lugares de paz e salvação. Dessa forma, compreendemos que não há neutralidade nos discursos e que, como sujeitos de linguagem que somos, estamos irremediavelmente ligados à produção e à interpretação dos sentidos. É preciso salientar, contudo, que a partir dessa teoria, deixa-se de lado uma dimensão de “falsa consciência” muito comum à concepção de utopia apontada por determinados autores como Szacki (1972), que cede lugar à noção de ideologia como o modo pelo qual os homens vivem suas relações no que diz respeito às suas condições materiais de existência. Trata-se de um conceito fundamental para pensarmos o discurso uma vez que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua.

Por essas razões, a construção de um novo espaço para a favela relacionado ao projeto de Pacificação não pode ser tomada como passível de interpretação

única e fechada. Nesse sentido, a fuga de dezenas de traficantes como resultado de uma investida policial, estratégia militar relacionada ao projeto, apresentou-se para nós como uma maneira possível de desestabilizar sentidos pretendidos pela ação.



Figura 1 – Traficantes da Vila Cruzeiro fogem para o Complexo do Alemão

Quando em 25 de novembro de 2010, traficantes fugiram da Vila Cruzeiro, Rio de Janeiro, Brasil, para o conjunto de favelas do Alemão após uma expressiva incursão policial na comunidade, a fuga apresentou-se como sintomática da constituição de uma sociedade dividida e mostrou que a pretensa paz não era tão simples de alcançar. A imagem da fuga causou grande impacto na mídia nacional, ganhando proporções internacionais. A Análise de Discurso nos permite dizer que a cena atualiza uma memória discursiva – não uma memória consciente, individual, mas “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (Pêcheux, 2010, p. 50) – memória da fuga de sujeitos marginalizados socialmente, apontando, por sua vez, à escravidão, fazendo lembrar a fuga para os quilombos, escape que remete a uma disjunção estruturada na/pela sociedade. Ricos *versus* pobres, bons *versus* maus, escravos *versus* senhores, patrões *versus* empregados. Soluções fáceis e previsíveis de discursos que imputam sentidos pré-estabelecidos para o social, apagando a contradição própria da nossa sociedade. Conforme a AD, é possível pensar o social enquanto sujeito aos movimentos dos sentidos, ou ainda, ao movimento dos sujeitos na linguagem.

A mesma fuga que se noticiou para ser o marco do fim da violência no espaço da favela, coroamento do projeto de Pacificação, possível início de uma nova era nas comunidades, não foi suficiente para apagar as mazelas sociais no referido território. Os índices de violência persistiram ao longo dos anos, sobretudo pelo excesso de violência por parte dos próprios policiais, como execuções extrajudiciais, espancamentos e roubos feitos por agentes de segurança pública.

O espaço simbólico da favela, então, necessita ser compreendido em sua materialidade, afetado pelo real da história. E se pela Análise de Discurso, os sentidos não são unívocos, o que podemos dizer sobre a “paz”? Que sentidos estão em funcionamento quando se relaciona “paz” e “favela”? A favela pretendida pelo projeto aponta para as diversas possibilidades em aberto do discurso sobre o referido espaço, que partem de dessa memória na qual este deveria ser passível de higienização, ao ser tomado como local de pobreza, marginalidade, degradação moral e sanitária.

O apagamento das condições históricas e sociais, aliás, é próprio de determinadas construções utópicas demoninadas por Harvey (2009) como “utopias da forma espacial”. Conforme destaca o autor, nessas utopias, “a temporalidade dos processos sociais, a dialética da mudança social – a história real – são suprimidas, ao passo que a estabilidade social é garantida por uma forma espacial fixa” (p. 213), fechando-se, assim, a novas alternativas de concepção de espaços citadinos.

Como quaisquer outros lugares da cidade, a favela significa. Afirmamos isso com base em nossa sustentação teórica. Considerar a cidade como um objeto de linguagem é compreender que:

[...] a cidade (e seus espaços) não refere a um domínio de objetos definidos empiricamente, mas a um domínio de interpretação, que permite ao sujeito se situar no mundo [...]. Assim, a cidade (e seus espaços), ela mesma é já interpretação, que se impõe ao sujeito como evidência, produzida pelo efeito do trabalho da ideologia no discurso. (Zoppi-Fontana, 1999, p. 202)

Uma consequência que vem por essa noção discursiva de cidade é que o espaço urbano passa a ser um “espaço simbólico diferenciado que tem sua materialidade e que produz sua significância” (Orlandi, 1999, p. 8). O que permite afirmar que, enquanto espaço simbólico, a cidade faz sentido(s). No que tange ao estudo discursivo da cidade, esse entendimento põe em jogo dois movimentos de significação: “o da espacialização da linguagem na cidade e o da simbolização do espaço urbano” (Orlandi, 2001, p. 7). É a partir desses dois movimentos que a cidade e os discursos que nela circulam podem ser analisados sob a lupa da Análise de Discurso.

Dito diferentemente, o modo como a cidade faz sentido produz o discurso da cidade (como ela se diz) e o discurso sobre a cidade (o que se diz dela). O primeiro relacionado à maneira como a cidade se impõe ao sujeito (por trajetos, vias, situações etc.), fazendo-o esbarrar no real do espaço da cidade e produzir sentidos que intervêm nesse real. O segundo, por seu turno, localiza as falas sobre a cidade: as interpretações lançadas sobre ela, os efeitos de sentido produzidos pelas diferentes posições-sujeitos que transitam no espaço citadino, visto que tal espaço vem significado por um imaginário (urbano) que sobredetermina a própria cidade e os modos como nela o social se realiza.

Separação metodológica (mas muito importante), no entanto, uma vez que o discurso da cidade e o discurso sobre a cidade se constituem num gesto de remissão contínua. Assim, o modo como a cidade se diz produz efeitos sobre o que se diz dela da mesma maneira que o que se diz da cidade produz efeitos sobre o modo como ela se diz.

Por isso mesmo podemos pensar sua simbolização na relação com seu espaço, na relação com os sujeitos, na disposição dos seus elementos, em suas rupturas e continuidades, a partir do entendimento de favela como espaço em que se confrontam o simbólico e o político (a divisão dos sujeitos e sentidos). Indo além de uma leitura literal de suas relações, ou de uma possibilidade de escolha entre ficar e fugir, a partir do lugar teórico da AD, ultrapassa-se esse espaço passível de administração e de cálculo, a partir do referido planejamento de segurança pública, para uma favela em suas equivocidades.

Consideramos pertinente, por tanto, a noção de utopia para pensar a dimensão imaginária e simbólica da favela afetada por tal projeto de segurança pública. A fuga dos traficantes mostrou, ao longo dos últimos anos, a insuficiência do projeto de segurança pública, e coloca a projeção da paz “prometida” em espaços de significação equívocos. Como estratégia histórica de sujeitos à margem – a fuga de escravos foi sintomática da constituição de uma sociedade dividida – a fuga faz soar outros sentidos, outras tensões que se estabelecem não necessariamente por questões de segurança pública, mas no racismo estrutural da sociedade brasileira e da crueldade da divisão de classes, ou até mesmo na precariedade na relação patrão-empregado, produzindo conflitos materializados em outras fugas.



Figura 2 - Fotograma do clipe "Boa Esperança"

Foi assim, que a forte narrativa do clipe *Boa Esperança*¹ do rapper Emicida apresentou-se para nós. A fuga, enquanto resultado da inversão de papéis – explorados e exploradores se invertem na relação patrão e empregado – dá visibilidade aos conflitos materializados em uma frágil moralidade na relação trabalhista. Patrões que humilham seus empregados, assediando-os moral e sexualmente, e que negam seus direitos estão ali colocados nos sete minutos do audiovisual. Na cena final, chama-nos atenção a fuga dos empregados “rebeldes”, correndo por uma estrada de terra, ao som de uma narração de repórteres noticiando o fato.

Por nossa análise, o que se vê na imagem reclama sentidos para o que não vemos. Os caminhos seguidos apontam para o lugar de destino presente em virtualidade nas imagens. Então, tanto na fuga dos traficantes, quanto na fuga dos empregados rebeldes realiza-se pela possibilidade de um outro lugar – um não-lugar. O não-visto, potente em sua ausência, direciona para o lugar de esperança e descanso como em um discurso outro.

Tanto na análise dessa imagem, quanto naquela que analisamos anteriormente, é fundamental para nós, porque nos situamos em uma perspectiva discursiva, considerar a produtividade do gesto. Pêcheux (2009) propõe que se considere o gesto como um ato no nível do simbólico. Essa concepção retorna fundamentalmente ao modo como o significante é importante para uma visada discursiva. Dizer, então, que o gesto é um ato no nível do simbólico é compreender o gesto como um significante que não vem de antemão atado a um significado dado a priori, mas que, ao contrário, torna-se um significante aberto à atribuição do sentido a partir de determinadas condições de produção.

¹ Segundo o próprio compositor, o nome da canção “Boa Esperança” faz menção ao navio negreiro presente na narrativa de *A Rainha Ginga*, livro do angolano José Eduardo Agualusa. O clipe pode ser acessado em: <<https://youtu.be/AauVal4ODbE>>

Considerando as duas cenas em questão pela preocupação com o gesto é que nos é possível remeter a composição da imagem à fuga. A ação de fugir não é natural nela mesma. Entretanto, compreendida como gesto, é possível pensar na construção de efeitos de sentidos múltiplos (mas não infinitos) que colocam em pauta a possibilidade de tal ação projetar determinados sentidos tanto para onde se vai, quanto para de onde se veio. É assim que a questão da utopia se coloca como possível efeito de sentido das cenas de fuga, pois há uma ideia de um lugar de salvação que está materialmente funcionando em todos os elementos da fuga: o corpo que corre, a terra batida, os conflitos deixados para trás. O corpo, a corrida em uma estrada de barro, o indivíduo que corre sem nada levar são significantes abertos ao funcionamento do gesto de fuga e, mais do que isso, uma fuga possibilitada por uma utopia.

Concluimos nossa reflexão, voltando-nos a uma citação de Szacki (1972) que destaca o viés sintomático da utopia, alertando para aquilo que escapa ao imaginário utópico, ameaçando as evidências próprias ao funcionamento ideológico. O que novamente corrobora com a nossa perspectiva teórica da Análise do Discurso e nos mostra que as tensões da sociedade brasileiras não estão sujeitas a simples resoluções:

As utopias podem ser consideradas, por um lado, como sintomas da crise de uma dada organização social, e, por outro, como sinal de que no seu interior existem forças capazes de saltar além dela, embora ainda não estejam conscientes de como fazê-lo. (Szacki, 1972, p. 129)

Referências bibliográficas

- Fishman, R. (1982). *Urban Utopias in the Twentieth Century*. Cambridge, Massachusetts.
- Hall, P. (1988). *Cities of Tomorrow*. Oxford.
- Harvey, D. (2009). *Espaços de Esperança*.
- Leite, M. P. (2012). Da metáfora da guerra ao projeto de pacificação: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de segurança Pública*, 6 (2), 374-3.
- Orlandi, E. (2001). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Orlandi, E. (2004). *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes.
- Orlandi, E. (2012). *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes.
- Orlandi, E. (1999). N/O limiar da cidade. *Rua*, num. esp. Campinas: Nudcri/Unicamp.
- Pêcheux, M. (2010). O papel da memória. In P. Achard et al. (Eds.), *O papel da memória* (3.ª ed.). Campinas: Pontes.
- Szacky, J. (1972). *As utopias ou a felicidade imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Zoppi-Fontana, M. (1999). É o nome que faz a fronteira. In F. Indursky, M. Ferreira (Org.), *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso* (pp. 202-215). Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto.

Resumo

Pela perspectiva discursiva materialista, refletimos sobre o gesto de fuga em sua relação com o simbólico, situando-a como um gesto que ultrapassa sentidos unívocos. Na construção de utopias relacionada à cidade, especialmente, fica estabelecido um jogo de sentidos que delimita um âmbito específico para o qual determinadas pessoas devem ir e de onde outras pessoas deveriam fugir. É dessa forma que se apresenta o projeto de Pacificação das favelas que abre a análise para outras possibilidades de fuga.

Abstract

From the materialistic discursive perspective, we think about the gesture of escape in its relationship with the symbolic, situating it as a gesture that goes beyond univocal senses. In the construction of utopias related to the city, especially, a set of senses is established that delimits a specific scope for which certain people must go and from where others should escape. This is how the favela pacification project is presented, which opens the analysis of other possibilities of escape.